

## PREFÁCIO

O sábio helenista Mario Meunier explica-nos assim *A Iliada*, e fixa o seu alto significado e valor:

«A intenção de Homero, como o anuncia logo no princípio d'*A Iliada*, é precisamente cantar "a cólera de Aquiles e suas funestas consequências". Poema da cólera dum homem e do seu castigo, *A Iliada* mostra o que pode produzir a união do ódio e do exagero; põe-nos diante dos olhos, para empregar aqui as palavras de Pitágoras, "os terríveis males que pode causar a intemperança dum só". Portanto, se nesse poema não se procuram senão as funestas consequências da cólera dum homem que perdeu o sentimento da piedade, que não possui virtudes de moderação, nem ductilidade de pensamento, mas selvajaria, tal o leão cedendo à sua grande violência, à sua máscula coragem, e que se atrevesse contra os rebanhos dos homens, para se alimentar", a unidade d'*A Iliada* aparece-nos clara, e a sua lógica, impecável. É porque Aquiles não quer "renunciar à discórdia e conter a soberba de seu coração" que o seu ressentimento se torna uma causa de males inevitáveis. Se ele não tivesse esquecido que a benevolência e o perdão

deverá tomar o passo ao ódio e à violência, a fúria desmedida não o cegaria, e a sua fidelidade à causa comum teria poupado a tantos nobres heróis o horror de morrer pranteando o aniquilamento da sua juventude. A glória de Aquiles não é, pois, a finalidade confessada d'*A Iliada*. O poeta não celebra ali senão uma pequena parte das façanhas do seu herói. O que ele pretende não é glorificar uma personagem, não é exaltar uma raça ou um país. A sua simpatia manifesta-se por todos os bons soldados, qualquer que seja o campo em que se encontrem, e a sua humanidade entenece-se tanto perante o vencido troiano como em face do grego vencedor. A tese fundamental deste magnífico poema é uma tese moral, de perene valor; é a épica expressão dum alma que detesta a guerra, abomina a violência e odeia o exagero. Em suma, *A Iliada* não é somente para nós a obra sedutora que um génio pessoalíssimo assinalou com a sua garrá, é também o desenvolvimento lógico e rigoroso dum ideia inspirada pelos mais harmoniosos pensamentos de piedade, de nobreza e de generosidade que podem despertar na alma e no coração do homem civilizado.»

Assim disse Mario Meunier, e assim penso e creio que deve ser entendida e interpretada *A Iliada*. Por isso mesmo me atrevi e decidi a transcrever aqui os seus admiráveis e límpidos conceitos.

I

HELENA  
E A GUERRA DE TROIA



Helena era a mais bonita, a mais elegante, a mais graciosa e, ainda, a mais rica das mulheres gregas. Seu marido, Menelau, rei de Esparta — um dos reinos em que então a Grécia estava dividida —, adorava-a. Mas adoravam-na também os gregos todos, de todas as regiões da Hélada. Consideravam-na um talismã. E mesmo aqueles que nunca a tinham visto sabiam da sua beleza e da sua opulência. Além do mais, Helena dava o exemplo das virtudes melhor estimadas entre os povos do mundo inteiro, naquela época mais ou menos conhecido. Boa dona de casa, tecia os seus vestidos, e os de Menelau, no tear de preciosa madeira em uso no tempo. Tecidos finíssimos, de lã macia e alva, ou de cores que não perdiam o brilho, e aos quais muitas vezes se entrelaçavam fios de ouro e de prata. Quanto às suas riquezas, às riquezas de Helena, eram inumeráveis: colares, diademas, braceletes de metais raros, ora só batidos, ora cinzelados por artistas de singular talento. Os baús da sua casa dia a dia mais se enchiam de joias resplandecentes. E que dizer dos fartos rebanhos de carneiros, das manadas de bois, dos prados em que estes pastavam, dos

portais viçosos, dos jardins floridos que rodeavam o palácio de Menelau? Helena de tudo cuidava, em tudo governava cuidadosamente. Um modelo, enfim, essa mulher, amada como uma deusa, sem cuja presença os Gregos julgavam não poder viver, de tal modo a sua ausência lhes parecia uma calamidade pública. Felizes, pois, o rei Menelau e sua esposa, gozavam do afeto, da admiração e do respeito de milhares e milhares de devotos, nacionais e estrangeiros.

Admiração e respeito que irradiava dentro e fora das fronteiras. Assim, em Troia — cidade da Ásia Menor do outro lado do mar Egeu —, o formoso Páris, filho de Priamo, soberano daquela cidade, teve conhecimento do nome e da excepcional reputação de Helena. Jovem destemido e vaidoso, impando de jactância, e ávido de tesouros, resolveu embarcar e ir até Esparta, para observar de perto o que ali se passava. Perigosa resolução, que provocaria desgraças e carnificinas terríveis — e, por fim, a destruição de Troia. Mas não antecipemos... Sigamos Páris na sua aventura.

Rápida e fácil foi a viagem a Esparta. Menelau acolheu o viajante com honras devidas a príncipe de tão notável importância. Alojou-o no Palácio Real, tratou-o generosamente e recomendou a Helena que tivesse as maiores atenções para com o hóspede ilustre. Este, porém, agradeceu a hospedagem de maneira desonesta e vil. Ambicioso e sem escrúpulos, esperou uma oportunidade propícia. Contra a vontade de Helena, raptou-a. Raptou-a e, apossando-se de quantas riquezas pôde, prendeu-a no seu barco e fugiu. Toda a Grécia se levantou em peso ao ter conhecimento da infame conduta de Páris. Um só brado se ergueu: «Reconquistemos Helena.» Logo, sob a chefia de Agamémnon, rei de Micenas, uma poderosa frota se constituiu. Carregaram-na de soldados e de armas. E, sem demora, vencendo as

ondas, desdenhando dos temporais, dominando as fúrias do vento, a frota aparelhou e lançou-se ao mar. Pelas praias de Troia se espalhou o exército aguerrido. Mas — quê? Troia, cercada de muralhas fortíssimas, não era fácil de tomar. E tão bem guardada estava que, apesar dum cerco estreitíssimo e insistente, dez anos foram necessários para vencer os troianos. Mesmo assim, apenas os venceu um estratagemma dos gregos, como mais adiante se dirá. De cima das suas fortificações, os patrícios de Paris mantinham a cidade inviolável. Heitor, filho de Príamo, comandava-os. Do lado dos gregos, só Aquiles o defrontaria — Aquiles, a quem Tétis, sua mãe, garantia força, coragem, nunca dominadas —, o combateria e derrotaria com êxito. Mas Aquiles zangara-se. Não obedecia a Agamémnon, o chefe supremo. E é, afinal, a cólera de Aquiles o motivo principal da longa expectativa dos gregos em face das fortificações de Troia. Isto é, da vergonhosa situação em que se encontraram durante nove anos. Agora se vão contar as mortandades, as humilhações, os desesperos e as lutas dos gregos, abandonados pelo seu maior soldado, Aquiles, e desavindos com ele. Eis o que *A Ilíada* nos conta — e nos ensina: a tragédia dum discórdia que tantas outras e angustiosas tragédias provocou...

## ÍNDICE

Prefácio.....	7
I. Helena e a Guerra de Troia.....	9
II. Aquiles em cólera.....	15
III. Profecias funestas.....	19
IV. Conselho de guerra.....	25
V. Duelo.....	33
VI. O combate prossegue.....	47
VII. Novas decisões.....	67
VIII. O heroísmo de Pátroclo.....	79
IX. Aquiles vence Heitor.....	91
X. Funerais de heróis.....	97
Epílogos que d'A <i>Iliada</i> não constam.....	105